

CAMINHOS ALTERNATIVOS PARA A SUSTENTABILIDADE: A Contribuição da Teoria do Decrescimento

PATHWAYS ALTERNATIVE FOR SUSTAINABILITY: The Contribution of Theory Degrowth

ANDY PORTELLA BATTEZINI ¹
KARLA CRISTINE REGINATO ²

RESUMO: O presente artigo acadêmico expõe o tema relativo à aplicação da Teoria do Decrescimento de Latouche ao modelo de consumismo exacerbado praticado na atualidade – retratado pelo denominado “homo economicus” – como possível solução à insustentabilidade econômica hodierna. Na realização deste estudo utilizar-se-á o método científico indutivo pela investigação de diversos posicionamentos doutrinários. Objetiva-se identificar, nessa medida, a possibilidade de aplicação da aludida Teoria no cenário contemporâneo Pós-Moderno de crescimento ilimitado. Proceder-se-á, nesse empreendimento, de modo a responder, se há, efetivamente, compatibilidade entre a tese, pela pesquisa defendida, e o padrão vivenciado pela Pós-Modernidade – conferindo-se à hipótese ventilada resposta positiva em face dos fundamentos teóricos apresentados.

Palavras-chave: “Homo economicus”; Sustentabilidade; Teoria do Decrescimento.

ABSTRACT: This academic paper presents the question of the application of degrowth theory of Latouche to exaggerated consumerism model practiced today - portrayed by the so-called “homo economicus” - as a possible solution to today’s economic unsustainability. In this study will be used inductive scientific method for investigating various doctrinal positions. The objective is to identify, to that extent, the possibility of applying the mentioned theory in Postmodern contemporary setting of unlimited growth. will be undertaken in this project, in order to respond if there is, indeed, compatibility between the thesis, the advocated research, and the pattern experienced by the Post-Modernity - giving up the hypothesis ventilated positive response in the face of the theoretical foundations submitted.

Keywords: “Homo economicus”; Sustainability; Degrowth theory.

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Direito do Complexo de Ensino Superior Meridional (IMED/RS). Pós-graduada em Direito Tributário e Gestão de Pessoas pela Universidade Anhanguera/Uniderp. Advogada. E-mail: andy_battezini@hotmail.com

2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Direito do Complexo de Ensino Superior Meridional (IMED/RS). Pós-graduanda em Direito Previdenciário pela Anhanguera/Uniderp. Advogada. E-mail: karlacreginato@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A crise ambiental que hoje assola a humanidade é produto de um crescimento econômico que ignora a finitude dos recursos naturais. O “*homo economicus*”, criação da Modernidade e reflexo na Pós-Modernidade, contemporaneamente vivenciada, retrata a cultura consumista presente na economia. A Teoria do Decrescimento de Latouche, nesse sentido, revela-se como possível instrumento apto a garantir a Sustentabilidade, aqui vista sob um viés econômico, imperiosa nos dias atuais.

A falácia adotada pela civilização Moderna que concebia o desenvolvimento humano - através do crescimento econômico - como premissa justificadora da exploração exacerbada dos recursos naturais acabou por dar origem a seres humanos extremamente individualistas e criadores de necessidades infinitas.

O “*homo economicus*”, acima delineado, é o modelo criado pela cultura do crescimento econômico desmedido – totalmente alheio ao Outro – em um âmbito antropocêntrico e, sobretudo, biocêntrico. Consumidor de constantes e infindáveis necessidades artificiais.

Esse modo de vida praticado por tanto tempo pela civilização deu origem à crise ambiental que hoje se apresenta. O cenário que se revela para a humanidade é de uma exploração dos recursos naturais que extrapola os próprios limites da natureza – não lhe é dado se regenerar. Há um déficit ambiental.

Urge repensar os moldes da economia atual. Trata-se, inclusive, de uma questão que envolve a própria manutenção da vida humana. As ações são prementes e imprescindíveis de serem propagadas em num nível global. Nesse sentido, a pesquisa perquire: é possível a aplicação da Teoria do Decrescimento de Latouche nesse cenário de crescimento econômico ilimitado no qual se insere o “*homo economicus*”?

Como hipótese, entende-se pela aplicação da doutrina do Decrescimento ao modelo criado pela Modernidade – o “*homo economicus*”. A concepção aqui descrita se fundamenta no projeto de Latouche, que tem como aliado o pensamento de Georgescu-Roegen, ao passo que, se utilizam da Lei da Entropia para demonstrar a irreversibilidade das ações passadas.

Nesse sentido, o objetivo geral do estudo se define na aplicação da aludida Teoria como possível solução à insustentabilidade ambiental. No que toca aos objetivos específicos, pretende-se revelar o conceito atribuído ao “*homo economicus*”, bem como enfatizar seus predicados; conhecer a ideologia do Decrescimento, demonstrando-se seu intuito e viabilidade; descompor o pensamento que vislumbra a tese do Decrescimento como algo inconcebível e impraticável.

Importa mencionar, ainda, que a confecção do presente ensaio se valeu do método indutivo, utilizando-se da investigação bibliográfica relativamente ao instrumento procedimental.

2. “*HOMO ECONOMICUS*”: UM PRODUTO DA MODERNIDADE

O modo de vida extremamente individualista, corolário dos tempos Modernos acabou por criar seres humanos totalmente crentes em sua autossuficiência e, demasiadamente, dependentes de constantes e infindáveis necessidades. A artificialidade dessas necessidades - a todo tempo criadas – é a marca desse modelo precificado criado pela Modernidade. Fala-se, assim, no “*homo economicus*”.

O “*homo economicus*”, produto da Modernidade, retratado por Maffesoli em suas obras - e por este, também, refutado -, (MAFESSOLI, 1998, p. 31) se insere em um cenário de humanismo vazioso³, (MAFESSOLI, 2014, p. 108) de razão instrumental, marcado pelo destemperado consumismo. Sua característica, eminentemente racional, revela, em detrimento de um sentimento coletivo, a cul-

3 Sujeito isolado, mestre de si e do mundo por inteiro. O famoso “caniço pensante” de Pascal.

tura desenfreada e individualista do ter, - “pseudofelicidade”⁴ – (BAUMAN, 2011, p. 162) causadora, necessariamente, do crescente e devastador ideário do “crescer por crescer”⁵. (LATOUCHE, 2009, Introdução).

Maffesoli apresenta referido modelo em sua obra, para, de forma concomitante, demonstrar que não o concebe como bom ao homem. (MAFESSOLI, 2014, p. 37). Insere-se, o período ora retratado, em um conceito oriundo da aludida Modernidade – de progresso ilimitado – entendido como premissa para o desenvolvimento humano, justificador, nessa medida, do uso à exaustão dos recursos naturais. (MAFESSOLI, 2014, p. 121).

A Pós-Modernidade e seu ideal de retorno à irmandade, ao pensamento coletivo e pró-sociedade, em contraposição à realidade egocêntrica enfrentada na Modernidade, surge como fenômeno renovador da era antecedente, (BITTAR, 2009, p.100-183) abalizado por uma revolução cultural fundamentada num retorno de valores.

O autor, Maffesoli, (2014, p. 110), ao expor este ideário totalmente arraigado ao consumismo que é praticado na Modernidade evidencia sua dissonância com o modelo vivido no período. Veja-se, nesse sentido, trecho de sua obra: “com certeza, o “eu penso”, o livre exame foi a marca da Modernidade, mas é o “eu sou pensado”, ou o *serf-esprit*, que são, indubitavelmente, as características do momento”. (MAFESSOLI, 2014, p. 110).

Trata-se, com efeito, de traçar-se uma gestão de alteridade. Vislumbrar uma relação com o outro. É uma inversão de valores carente de ser pensada. É o que assevera Maffesoli: [...] “não se poderia encarar uma outra relação com o Outro? (2014, p. 83). Uma gestão de alteridade menos agressiva, que não se situa desde o início “contra”, mas, sim, “em face” ou “ao lado” do outro do grupo, do outro da natureza” - predicados presentes na doutrina Pós-Moderna.

Pela leitura da obra de Maffesoli (2014, p. 83), percebe-se a clara intenção do autor em demonstrar quão necessária se faz a transmutação das práticas, até então, comumente vislumbradas. A ideologia oriunda da Modernidade transparece seu isolamento individualista, egoísta. Apresenta uma geração de indivíduos enclausurados em seu próprio mundo – distantes de um ideal comunitário. É o que afirma o autor em trecho de sua obra:

É o hedonismo no cotidiano que merece atenção. Porque, contra uma visão “economicista”, a do individualismo, do subjetivismo, do idealismo, de que se tratou, o prazer de ser somente pode ser coletivo. Está em sua estrutura proceder por contaminação. Epidemia que as redes da Internet, os sites comunitários, se dedicam a fortalecer. O desenvolvimento do festivo ou do lúdico comprovam isso. Não há nada de individual nesses domínios. A excitação e a histeria são comunitárias. (MAFESSOLI, 2014, p. 83-84).

É esse individualismo caracterizador da Modernidade que revela o status economicista do período. Preocupa-se, o “*homo economicus*”, com a acumulação ilimitada de riquezas, aliada à necessidade constante de se adquirir coisas. Descreve-se, assim, o consumismo⁶ – (RUAS, 2014) e o conseqüente crescimento prejudicial do mercado. Necessidades artificiais conduzem ao descarte conseqüente e programado. Produtos já nascem com data fixada para seu rejeite - (BAUMAN, 2011, p. 190) retrato da denominada obsolescência programada.⁷ (AMARAL, 2014).

4 Por conseguinte, numa sociedade de consumidores, a busca da felicidade tende a ser redirecionada do fazer coisas ou adquirir coisas para descartar coisas – como deve ocorrer quando se quer que o Produto Nacional Bruto se mantenha em crescimento.

5 Ocultamos, em particular, a questão de saber de onde viemos: de uma sociedade de crescimento-ou seja, de uma sociedade fagocitada por uma economia cuja única finalidade é o crescimento pelo crescimento.

6 Muito mais do que pessoas que compram muito e adquirem bens que não precisam, o consumismo é um retrato do modelo atual de sociedade, do desperdício e dos valores que imperam. O consumismo refere-se a um modo de vida orientado por uma crescente busca pelo consumo de bens ou serviços e sua relação simbólica com prazer, sucesso, felicidade, que todos os seres humanos almejam, e frequentemente é observada nas mensagens comerciais dos meios de comunicação de massa.

7 Trata-se de uma estratégia de empresas que programam o tempo de vida útil de seus produtos para que durem menos do que a tecnologia permite. Assim, eles se tornam ultrapassados em pouco tempo, motivando o consumidor a comprar um novo modelo.

A Pós-Modernidade, compreendendo a realidade contemporânea, vive as sequelas dos atos inerentes ao período Moderno. Nessa medida, e, constatados os efeitos nefastos de um crescimento ilimitado, contempla um ideal inovador e totalmente contrário àquele praticado, como tentativa de reparar, ao menos, parte dos rastros deixados pelo período antecedente.

Cultua-se o que Maffesoli (2014, p. 84-87) denomina “*estar-com*” – termo definidor da relação existente com o Outro. Trata-se do liame imprescindível que conduz a vida em sociedade. Nas palavras do autor: “com efeito, é preciso que haja o Outro para que cada um exista”. (MAFESSOLI, 2014, p. 84-87).

Verifica-se, nesse sentido, um reconhecimento da natureza – o meio ambiente – como ser vivo – que o é – em detrimento de um pensamento que compreendia verdadeira relação de sujeito-objeto entre ser humano e natureza. (GUDYNAS, 2014, p. 56).

A indispensável importância devida ao Outro de que fala Maffesoli (2014, p. 84-87) se revela, não apenas, em uma esfera antropocêntrica, mas também no que concerne ao meio ambiente como um todo – pode-se afirmar – no que toca à mãe Terra, ao denominado biocentrismo de que fala Gudynas.

Nesse sentido, importa indagar: – o atual cenário de crescimento econômico desenfreado, nos moldes apresentados, é, realmente, benéfico? A postura mantida pelo “*homo economicus*”, essencialmente utilitarista, ainda pode ser sustentada? (OLIVEIRA, 2009).

Essas são as perguntas⁸ que habitam as mentes de diferentes estudiosos da área. Perquire-se acerca do alcance do crescimento e de suas consequências, as quais não atingem, tão somente, o mercado, mas possuem proporções infinitamente maiores e, indubitavelmente, ameaçadoras. (LEFF, 2010, p. 62).

Nesse âmbito de incertezas, inclusive características do período Pós-Moderno em que se vive, e, feitas as breves considerações acima elencadas acerca do conceito e atributos conferidos aos períodos Moderno e Pós-Moderno, relativamente ao “*homo economicus*” – fruto dos aludidos íterins, o presente estudo visa demonstrar os efeitos prejudiciais do cenário ora retratado, para – nesse contexto – introduzir a aplicação da “Teoria do Decrescimento” do economista e filósofo francês Latouche, de modo a avaliar, conhecendo-a, a viabilidade de sua aplicação no atual panorama apresentado.

3. SERGE LATOUCHE: A TESE DO DECRESCIMENTO ECONÔMICO

A denominada Teoria do Decrescimento teve como precursor o economista francês Latouche. Hoje, contudo, reflete ideia já bastante difundida e detentora de muitos adeptos. Trata-se da tese fundamentada na reanálise dos moldes da economia atual, no intuito de rever conceitos hoje pregados e praticados, mormente no que tange ao crescimento econômico.

A ousada tese, por Latouche ventilada, em um primeiro momento, parece tratar de algo inconcebível: decrescer economicamente. A “*priori*” transparece um sentimento de verdadeiro retrocesso – totalmente na contramão do desenvolvimento. No entanto, como bem assevera seu criador, não se trata, simplesmente, de decrescer por decrescer, o que, em suas próprias palavras, seria verdadeiro absurdo. (LATOUCHE, 2009, p. 4).

A ideia preconizada pelo autor (LATOUCHE, 2009, p. 6) é, basicamente, repensar e, por conseguinte, refrear o crescimento econômico ilimitado. Pretende-se, efetivamente, “abrir os olhos” do mercado, de modo, a lhe fazer ver que o crescimento econômico desenfreado não é compatível com um meio ambiente dotado de recursos limitados. A fórmula, destarte, é simples: não há como compatibilizar um crescimento ilimitado face um aparato ambiental finito. Trata-se, por óbvio, de ideias contrapostas. (BOSELTMANN, 2015, p.18).

⁸ É preciso diagnosticar os efeitos do processo de acumulação e as condições atuais de reprodução e expansão do capital, os impactos ambientais das práticas atuais de produção e consumo e os processos históricos nos quais articularam-se a produção para o mercado com a produção para o autoconsumo das economias locais e as formações sociais dos países “em desenvolvimento” para a valorização e exploração de seus recursos.

Em “A aposta pelo Decrescimento”, Latouche desenvolve sua teoria, demonstrando os reais contornos de seu pensamento. Nesse ponto, disserta:

Así, una política de decrecimiento se traduciría en un primer lugar, indudablemente, por una sencilla disminución del crecimiento de PIB y no necesariamente en un retroceso, es decir, una tasa negativa, porque se trata de un índice puramente cuantitativo y macroeconómico. (LATOUCHE, 2006, p.33).

O núcleo essencial da aludida tese é permitir que se viva melhor trabalhando e consumindo menos. (LATOUCHE, 2009, p.6). Em verdade, grande parte das coisas que são adquiridas não se mostram necessárias (DA VEIGA, 1993). Algumas até, revelam-se verdadeiramente inúteis. E esse, é justamente, o objetivo e a própria lei de mercado. O consumidor que adquire apenas o que efetivamente necessita é um consumidor falho, eis que não voltará a consumir tão brevemente. (BAUMAN, 2011, p. 152).

Frisa-se, nesse sentido, o termo “efetivamente”; fala-se aqui de necessidades em sua real acepção. As denominadas necessidades artificiais, criadas e lançadas de modo constante no mercado não pertencem aos domínios de referido conceito. (LATOUCHE, 2009, p. 18).

A constante insatisfação criada pela publicidade gera um sentimento de frustração atrelado ao desejo de ter o novo. A aquisição do produto desejado causa momentâneo contentamento, que se confunde com felicidade. A “felicidade” proveniente do consumo – pseudofelicidade, em verdade. (BAUMAN, 2011, p. 150).

Fala-se, inclusive, em um conceito de pertencimento. A cultura do consumismo impõe categorias aos indivíduos. “A referência a estar e ficar à frente desse júri do estilo promete pertencimento – promete que será aprovado e incluído”. (BAUMAN, 2011, p. 149-150). Não acompanhar as tendências constantemente ditadas e revistas pelo mercado lhe conduz a um status de exclusão. (BAUMAN, 2011, p. 149-150).

O sentimento de insatisfação que se faz constante, conduz, necessariamente, ao consumo, o que, requer, por conseguinte, seja aumentada a produção de bens. Essa produção crescente que aquece o mercado é motivada pelo acúmulo de capital que se faz consequente e não vislumbra a precariedade com que são tratados os recursos naturais. (ZAMBAM, 2013).

Referida realidade, que é oriunda da Modernidade e se faz presente na Pós-Modernidade, se expressa com clareza na ponderação feita por Latouche na obra “Pequeno Tratado de Decrescimento Sereno” - nas palavras do autor: “quem acredita que um crescimento infinito é possível num mundo finito, ou é louco ou é economista” (LATOUCHE, 2009, p. 16).

A doutrina de referido autor (LATOUCHE, 2009, p.16-18) é fundamentada na insustentabilidade da situação hoje apresentada. Latouche demonstra quão necessário se faz pensar na Sustentabilidade como possível solução ao problema ambiental. (LATOUCHE, 2009, p.18-20). Nesse contexto, pondera:

Fomos formatados pelo imaginário do “sempre mais”, da acumulação ilimitada, dessa mecânica que parece virtuosa e que agora se mostra infernal por seus efeitos destruidores sobre a humanidade e o planeta. A necessidade de mudar essa lógica é a de reinventar uma sociedade em uma escala humana, uma sociedade que reencontre seu sentido da medida e do limite que nos é imposto porque, como dizia meu colega Nicholas Georgescu-Roegen, “um crescimento infinito é incompatível com um mundo finito”. (LATOUCHE, 2009, p. 25).

9 Entropia, nada mais é do que o grau de desordem de um sistema, representado pela letra S. Quanto maior for a desordem dentro de um sistema, maior será sua entropia. Vamos entender melhor. A entropia usa a medida J/K, ou seja, Joules por Kelvin, e é uma grandeza termodinâmica usada para mensurar o grau de irreversibilidade de um sistema. Ela busca mensurar não a energia, nem a matéria totais encerradas pelas fronteiras do sistema termodinâmico, mas como essa matéria e essa energia são armazenadas e distribuídas dentro dessas fronteiras.

Georgescu-Roegen, também economista, partilha de mesmo entendimento no que toca à necessidade de se repensar os rumos do crescimento econômico. Utiliza-se da Lei da Entropia para demonstrar a viabilidade de sua doutrina.

A Lei da Entropia⁹ (PETRIN, 2014) – associada à Segunda Lei da Termodinâmica – “estipula que a matéria também está sujeita a uma dissipação irrevogável” – em outras palavras – é dizer que se “reconhece que o próprio universo material está sujeito a uma mudança qualitativa irreversível, a um processo evolutivo”. (GEORGESCU-ROEGEN, 2013, p. 437).

Alerta o pensamento dos autores ao que toca a irreversibilidade das mudanças prejudiciais que atingem o meio ambiente.¹⁰ A exploração dos recursos naturais é demasiadamente intensa e não lhe é dada sua recuperação. Não há tempo hábil conferido à natureza para que se regenere. A preocupação se insere em um contexto que envolve a própria manutenção da espécie humana. (GEORGESCU-ROEGEN, sinopse).

O problema ambiental é global. A sobrevivência na Terra depende de ações universais. Impende entender que, realmente, não se trata de uma condição que se pode reverter a qualquer momento. Trata-se do fenômeno denominado “pegada ecológica”.¹¹ Os rastros deixados pelo ser humano no planeta compreendem a pegada ecológica. (DEL OLMO, 2014).

Nesse sentido, Veiga, em entrevista concedida à *Revista Diversa*, da Universidade Federal de Minas Gerais, ensina, exemplificando de forma clara e prática, o que se passa nesse contexto; o economista, veementemente, afirma que a natureza atua em sua recomposição, tal como uma conta no cheque especial – se explora significativamente mais do que é dado à natureza suportar. Verifica-se, por conseguinte, que o produto de citada conta é sempre negativo. ¹² (DA VEIGA, 2012).

A economia, nessa medida, entende-se estar adstrita a observar um crescimento sustentável. Não há mais como prover a manutenção do crescimento econômico ilimitado nos moldes hoje vivenciados. Esse complexo sistema que tem na natureza sua base primeira, por si só, não mais se sustenta. É uma realidade incontestável que se revela no presente.

É o que afirma o físico Capra em reflexão acerca do tema:

A mudança do paradigma mecanicista para o ecológico não é algo que acontecerá no futuro. Está acontecendo neste preciso momento em nossas ciências, em nossas atitudes e valores individuais e coletivos e em nossos modelos de organização social. (CAPRA, 1986, p. 339).

Verifica-se, nesse sentido, a inegável imprescindibilidade de se refrear o crescimento econômico nos moldes hoje evidenciados. Nos exatos termos do pensamento de Georgescu-Roegen, citado por Cechin, “a natureza é a única limitante do processo econômico”. (CECHIN, 2008, p. 12).

10 O processo econômico não pode contrariar a Lei da Entropia. Como esse processo é um subsistema, o custo de manter a própria organização é o aumento na entropia, a desorganização do sistema maior no qual está inserido – o ambiente. O processo de produção econômica vem necessariamente acompanhado da geração de resíduo e poluição, sejam esses fenômenos locais ou globais. A sustentabilidade muito provavelmente não pode ser alcançada com o aumento da produção e do consumo. Tampouco pode ser atingida mantendo-se indefinidamente os padrões de consumo já alcançados nos países abastados, numa situação de “crescimento zero”.

11 A Pegada Ecológica é uma metodologia de contabilidade ambiental que avalia a pressão do consumo das populações humanas sobre os recursos naturais. Expressada em hectares globais (gha), permite comparar diferentes padrões de consumo e verificar se estão dentro da capacidade ecológica do planeta. Um hectare global significa um hectare de produtividade média mundial para terras e águas produtivas em um ano.

12 Até os anos 1960, a humanidade consumia metade da capacidade do globo; hoje consumimos uma vez e meia. É como se tivéssemos uma conta no cheque especial com o equivalente a 50% de nossa renda no vermelho. Do ponto de vista ambiental, significa que a natureza vai precisar de 1,5 ano para recompor o que consumimos em um ano.

Destarte, e, ciente de que a sucinta análise, em hipótese alguma fez exaurir o conhecimento da teoria ora defendida, passa-se a análise desta aplicada de forma efetiva ao modelo originário do período Moderno, reflexo vivenciado na Pós-Modernidade: o *“homo economicus”*.

4. O “HOMO ECONOMICUS” E O DECRESCIMENTO: UMA UTOPIA CONCRETA

Latouche, o filósofo do Decrescimento, bem assim, também, Georgescu-Roegen, ambos incitados pela crise ambiental que se faz presente na atualidade e, perquirindo acerca dos rumos preocupantes do consumismo exacerbado, criam e desenvolvem uma possível solução sustentável – tão imperiosa – no cenário hodierno. Trata-se da Teoria do Decrescimento Econômico.

Referida Teoria, já contemplada nos limites deste estudo, pretende mitigar os efeitos do crescimento econômico, tornando evidente o único limitador capaz de refrear essa cultura nociva do consumismo: a escassez dos recursos naturais. (CARRIZOSA, 2002, p.49).

Nos exatos termos apresentados por Latouche, a tese do Decrescimento constitui-se numa “utopia concreta”. Assim o é, justamente, porque se fundamenta em ações plenamente observáveis, possíveis no cotidiano das pessoas. (LATOUCHE, 2009, p.39).

Embora, pareça, em um primeiro momento, retratar algo inimaginável – verdadeira utopia – tal como chamada, simultaneamente, verifica-se que, sim, trata-se de um plano concreto, verificável na realidade – daí o adjetivo imposto - utopia concreta. (LATOUCHE, 2009, p. 40).

O Decrescimento, na expressão do autor, “pressupõe um projeto baseado numa análise realista da situação”. Fala-se, efetivamente, em etapas desse projeto – são os denominados oito “erres” do Decrescimento – o “Círculo Virtuoso do Decrescimento Sereno”. (LATOUCHE, 2009, p. 41).

Em analogia aos chamados Círculos Virtuosos do Crescimento, datados dos anos 60, Latouche retrata o já mencionado, Círculo Virtuoso do Decrescimento. (LATOUCHE, 2009, p.41-42). Ensina que o desequilíbrio ambiental de hoje é consequência de “loucuras” de ontem. Na expressão do economista:

O desequilíbrio climático que nos ameaça hoje é fruto de nossas “loucuras” de ontem. Em compensação, a revolução exigida para a construção de uma sociedade autônoma de decrescimento pode ser representada pela articulação sistemática e ambiciosa de oito mudanças interdependentes que se reforçam mutuamente. Podemos sintetizar o conjunto delas num “círculo virtuoso” de oito “erres”: reavaliar, reconceituar, reestruturar, redistribuir, realocar, reduzir, reutilizar, reciclar. Esses oito objetivos interdependentes são capazes de desencadear um processo de decrescimento sereno, convivial e saudável. (LATOUCHE, 2009, p. 42).

O projeto dos oito “erres” acima delineado trata, em análise concisa, de atuar em ações conjuntas e interdependentes - Reavaliando, no sentido de reconhecer a natureza como ser vivo, respeitando-a e, sobretudo, preservando-a. Reconceituar, entendendo-se pela necessidade da mudança de valores, concebendo, assim, a realidade sob uma nova ótica.

Reestruturar, para o autor, seria a adequação dessa mudança de valores supramencionada ao aparelho produtivo e às relações sociais. Redistribuir, por sua vez, significa a distribuição das riquezas e o acesso aos recursos naturais de forma igualitária entre as diferentes sociedades.

No mesmo caminho, Realocar, seria produzir localmente, ao passo que, Reduzir implica a diminuição do impacto da produção sobre a biosfera. Em última análise, Reutilizar/Reciclar, de acordo com a doutrina de Latouche, (2009, p. 43-55) compreende dar nova destinação aos resíduos não reutilizáveis de forma direta.

Verifica-se que se trata de conceitos ligados e interdependentes, que, juntos, constituem aquilo

que o autor denomina utopia realizável. Referido termo, reitera Latouche, descreve um funcionamento ideal, mas também concreto, uma vez que, se trata de uma revolução realizável – “é um outro mundo, desejável, necessário e possível se assim quisermos”. (LATOUCHE, 2009, p. 55).

Georgescu-Roegen em caminho semelhante, alerta para o fato de que o problema atinge também as gerações futuras ao passo que não há que se pensar em manutenção da economia sem que haja recursos naturais. É a imposição da irreversibilidade das ações de que fala a Lei da Entropia, por Georgescu-Roegen elucidada. (GEORGESCU-ROEGEN, 2008, p.437).

Nesse sentido, entende-se como aplicável, a Teoria do Decrescimento, de forma adequada ao modelo de “*homo economicus*” hoje apresentado. A concepção que se tem, nesses limites, é que a tese fora criada e desenvolvida justamente para controlar a infinita insatisfação do consumidor moderno – característica do chamado “*homo economicus*”.

A redução da produção de bens e de sua aquisição se impõe na atualidade. Não há como compatibilizar uma produção infinita diante de recursos naturais que possuem índole finita. (AQUINO, 2013, p. 258).

A receita do Decrescimento, bem como assevera Latouche, “consiste em fazer mais e melhor com menos”. Isso se verifica, principalmente, nos elementos Relocalizar, Reduzir, Reutilizar, bem como Reciclar. (LATOUCHE, 2009, p. 76).

A ideia por Latouche propagada impõe, sejam as ações em defesa do meio ambiente relocalizadas em um nível mundial; ou seja, produzindo-se localmente, de modo a evitar a exploração econômica concentrada nos grandes centros.

Reduzir, como o próprio termo sugere, verifica-se a devida mitigação da produção de bens, bem como a diminuição do consumo. O projeto visa extirpar os excessos – produzir e consumir tão somente o que se faz indispensável. Reutilizar e reciclar se inserem em um mesmo âmbito, entendendo-se pela nova destinação conferida aos resíduos antes diretamente descartados. (LATOUCHE, 2009, p. 42-76).

Os demais elementos são vistos sob uma ótica de reconhecimento e, sobretudo, respeito ao ser vivo natureza. Todos estes, conjugados, conferem forma ao projeto ousado e, ao mesmo tempo, necessário, pelos estudiosos propalado. (LATOUCHE, 2009, p. 76).

Urge repensar os rumos do crescimento econômico – é circunstância indiscutível. Nesse sentido, e pelos fundamentos apresentados, entende-se como adequada a Teoria do Decrescimento, ao passo que, impõe se pense e se produza de forma que a Sustentabilidade seja observada.

Impera, ainda, enfatizar que a ideologia constante de aludida tese enfrenta e critica o crescimento infinito, o consumismo ilimitado – aquilo que Latouche denomina “crescer por crescer”. É o crescimento prejudicial, que excede e esgota os limites do suporte ambiental o núcleo da crítica de Latouche.

Ademais, veja-se que não se trata de algo inconcebível. Diversamente, aliás, revela verdadeira utopia concreta, tal como retratada por seus defensores – eis que valoriza ações pequenas que podem ser atribuídas a todos os indivíduos, cotidianamente. Ações pequenas que, conjugadas, surtem os efeitos que se espera e, que, sobretudo, se fazem imprescindíveis.

5. CONCLUSÃO

Os caminhos trilhados, voluntariamente ou não, deixam rastros. Alguns passíveis de serem apagados, outros, contudo, irreversíveis. Na natureza não seria diferente. A preocupante e célere degradação ambiental é fruto de ações inconsequentes de ontem. A incessante busca pelo acúmulo de capital presente no período Moderno é fator causador da crise ambiental contemporânea.

O “*homo economicus*”, ator social da crise hoje vivenciada pela humanidade, por muito tempo julgou o crescimento econômico como instrumento hábil e imprescindível a conferir a evolução e o desenvolvimento humano. Embora tenha, de fato, constituído e, o é também hoje, fator importante garantidor de progresso, a falácia do crescimento infinito acabou por conduzir à problemática ambiental

que se faz presente.

A finitude dos recursos naturais se fez ignorada. O homem explorou muito além do que suportaria o meio ambiente. Hoje, no entanto, a ameaça se volta contra o próprio criador – a crise ambiental atenta, inclusive, à própria manutenção da vida humana.

As constatações mencionadas impulsionaram que se pensasse o cenário atual. Estudiosos da área verificam, cada vez mais, que não se pode sustentar o padrão de crescimento econômico atual. A produção de bens é exacerbada, o consumismo é gritante. Nesse sentido, importa empreender mudanças. Eis que o Decrescimento Econômico se mostra como possível caminho razoável à insustentabilidade hodierna.

A Teoria do Decrescimento, nesse contexto, buscando nas ações cotidianas a sua base, ambiciona - em via oposta ao ideário praticado – o retorno ao equilíbrio ambiental. Em outras palavras, busca a Sustentabilidade.

Cuidar do meio ambiente é condição precípua para que se perpetue a vida humana na Terra. É imprescindível que as ações tomem proporções globais. A referida tese do Decrescimento apresenta em seu bojo exatamente essa noção de mútua responsabilidade global que se mostra necessária, o que justifica seu emprego como ferramenta apta a mitigar os efeitos do crescimento econômico ilimitado. A responsabilidade ambiental global transparece como um dos grandes pilares da doutrina de Latouche e configura exatamente o pensamento que se pretendeu construir ao longo deste trabalho. Partir das pequenas ações cotidianas acessíveis a todos para se chegar a um entendimento necessário e comum: a imprescindibilidade de se pensar de maneira sustentável.

Nessa medida, conclui-se pela viabilidade da aplicação da doutrina do Decrescimento como caminho alternativo e potencialmente apto à consecução de uma sustentabilidade econômica e ambiental, entendendo-se, assim, por confirmada a hipótese inicialmente formulada em resposta ao problema de pesquisa, haja vista o núcleo essencial da Teoria ora ventilada, qual seja, refrear a cultura, hoje difundida, do “crescer por crescer”, corolário do consumismo.

REFERÊNCIAS

AMARAL, João Paulo. *O que é obsolescência programada?* Disponível em: <<http://planetasustentavel.abril.com.br>>. Acesso em: 08 jan. 2016.

AQUINO, Sérgio Ricardo Fernandes de. *Rumo à cidadania sul-americana: reflexões sobre a sua viabilidade no contexto da UNASUL a partir da Ética, Fraternidade e Sustentabilidade*. Tese submetida ao Curso de Doutorado em Ciência Jurídica da Univali, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. *A ética é possível num mundo de consumidores?* Tradução Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BITTAR, Eduardo C. B. *O direito na pós-modernidade: e reflexões frankfurtianas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

BOSELDMANN, Klaus. *O princípio da Sustentabilidade: transformando direito e governança*. Tradução: Phillip Gil França. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2015.

CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação*. São Paulo: Cultrix, 1986.

CARRIZOSA, Julio. *Hacia nuevas economías. Mimesis, hedonismo, violencia y sustentabilidad*. In: *Ética, vida, sustentabilidad*. Programa de las Naciones Unidas para el Medio Ambiente Red de Formación Ambiental para América Latina y el Caribe Boulevard de los Virreyes 155, colonia Lomas de Virreyes 11000, México D.F. Coordinador: Enrique Leff, México, 2002.

CECHIN, Andrei Domingues. *Georgescu-Roegen e o desenvolvimento sustentável: diálogo ou anátema?* Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da Universidade de São Paulo, 2008.

DA VEIGA, José Eli. *A Insustentável Utopia do Desenvolvimento*. In: Reestruturação do Espaço Urbano e Regional no Brasil. Lena Lavinias et. al (Orgs.). São Paulo: Hucitec & ANPUR, 1993. Disponível em: <<http://www.zeeli.pro.br>>. Acesso em: 11 jan. 2016.

DA VEIGA, José Eli. *A Sustentabilidade é turquesa*. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/diversa/19/entrevista.html>>. Acesso em: 11 jan. 2016.

DA VEIGA, José Eli. *O âmago da sustentabilidade*. Estudos avançados 28 (82). São Paulo, 2014.

DEL OLMO, Juan Carlos. *Pegada ecológica? O que é isso?* Disponível em: <<http://www.wwf.org.br>>. Acesso em: 11 jan. 2016.

GEORGESCU-ROEGEN, Nicholas. *O Decrescimento: entropia, ecologia e economia*. Tradução de José Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.

GUDYNAS, Eduardo. *Derechos de la Naturaleza: Ética biocêntrica y políticas ambientales*. Lima: Claes, 2014.

LATOUCHE, Serge. *La apuesta por el decrecimiento. Cómo salir Del imaginario dominante?* Barcelona: Icaria Editorial, 2006.

LATOUCHE, Serge. *Pequeno Tratado de Decrecimiento Sereno*. Tradução: Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

LEFF, Enrique. *Epistemologia ambiental*. Tradução: Sandra Valenzuela. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MAFESSOLI, Michel. *Elogio da Razão Sensível*. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MAFESSOLI, Michel. *Homo Eroticus: Comunhões emocionais*. Tradução: Abner Chiquieri. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

OLIVEIRA, Marcos Eduardo de. *Decrecimiento econômico*. Disponível em: <<http://www.ihu.unissinos.br/noticias>>. Acesso em: 06 jan. 2016.

PETRIN, Natália. *Entropia*. Disponível em: <<http://www.estudopratico.com.br/entropia>>. Acesso em: 11 jan. 2016.

RUAS, Desirée. *Consumo e consumismo: pela consciência em primeiro lugar*. Disponível em: <<http://www.conscienciaeconsumo.com.br/artigos>>. Acesso em: 06 jan. 2016.

ZAMBAM, Neuro José. *Desenvolvimento sustentável: direito dos cidadãos e compromisso de todos*. In: *Direito, Democracia e Sustentabilidade: Anuário do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Meridional*. TRINDADE, André Karam; ESPÍNDOLA, Angela Araujo da Silveira; BOFF, Salette Oro. Passo Fundo: IMED, 2013.

Recebido em: 12/09/2016

Aprovado em: 07/11/2016